

Narrativas (Auto)biográficas de una educadora pesquisadora:

Notas sobre encuentros e conversas

Lilian da Silva Ney

Universidade Federal do Rio Grande - FURG / Universidad Nacional de Rosario - UNR

liliansney@gmail.com

Aline Machado Dornelles

Universidade Federal do Rio Grande - FURG / Universidad de Buenos Aires

lidorneles26@gmail.com

Resumo: Neste trabalho acadêmico narro a minha trajetória como doutoranda no Programa em Investigación Narrativa y (Auto)biográfica en Educación, da Universidad Nacional de Rosario, Argentina. Parto das minhas experiências como educadora, apostando nos estudos com os cotidianos, inspirada em critérios teóricos-epistemológicos-metodológicos da investigação (auto)biográfica e narrativa, no pensamento multidimensional da teoria da complexidade e nos princípios da conversa como dispositivo metodológico para narrar histórias em costura com os movimentos feministas, como um convite a espichar nosso olhar sobre as produções, saberes e conhecimentos no contexto educativo, para construir e pensar os processos educativos que rompem com as narrativas dominantes e excludentes. Reflexões sócio-político-culturais que lutam contra a hegemonia dominante e colonialista que impõe os lugares de subalternidade às mulheres e outras classes sociais ditas minoritárias. Desse modo, espero dar conta, tanto dos processos investigativos educativos-pedagógicos, assim como promover debates acerca dos saberes e conhecimentos pedagógicos em conversas com outras/os autoras/es de suas próprias experiências, além de contribuir para o debate público e especializado sobre educação.

Palavras chave: Conversas. Experiências. Narrativas.

Das tramas do encontro – Palavras iniciais

O que é ser mulher me acompanha há muito tempo. Não sei precisar exatamente quando comecei a pensar sobre isso. Talvez na infância, embora não tivesse essa perspectiva investigativa de hoje. Antes era um pensar ‘por que não posso isso?’ ou ‘por que eu preciso usar isso?’. Discursos hegemônicos que nos colocam em caixas, por vezes, apertadas demais para cabermos dentro e de onde só podemos espiar pelo vidro que nos separa e nos agrupa em estas ou aquelas.

Como forma de romper o vidro, compartilho narrativamente as histórias e as experiências vivenciadas nas diferentes linguagens, dos sonhos, dos desejos, da infância e da criança que ainda me habitam, e da mulher que me tornei, e de como é ser mãe em um mundo tão conturbado, e do quanto é urgente continuar lutando todos os dias, contra as estruturas racistas e patriarcais que sujeitam nossos corpos a todo tipo de violência, presentes na agressão física, moral, sexual, psicológica, racial, acadêmica, laboral como uma estratégia de resistência, de incomodar, de desacomodar, de lutar, de mudar a realidade estabelecida, é uma construção narrativa autobiográfica com assinatura própria, sem a pretensão de verossimilhança, mas de uma narrativa plausível.

Uma pesquisa em ciências humanas é como uma conversa que não tem início nem fim e não se sabe aonde vai chegar, porque é movimento, é caminhada. Trata-se de experimentar a própria experiência, de se viver e sentir enquanto caminhamos. Construimos o caminho ao caminhar. Cada passo importa. É permitir-se à deriva, não no sentido náutico e aeronáutico, mas como metáfora, de estarmos abertas/os para viver o que chega com o encontro, para viver o que vem depois, o que nos abraça.

Por isso, pensar a partir da minha caminhada, das minhas vivências, das experiências de vida e das experiências laborais e de como venho me tornando uma pesquisadora narrativa, dos mergulhos no cotidiano, das outras vozes, do que me desafia, sem a pretensão de uma verdade, ou de algo posto, definitivo, moldado, ou de uma posição de verticalidade é estar nesse lugar de mobilidade, de alteridade, de (trans)formação, de performatividade.

Então, como pesquisar a experiência vivida? Como narrar o cotidiano escolar? Qual o lugar das práticas pedagógicas? De que forma contar/narrar as experiências profissionais e investigativas?

Ao narrar nossas experiências, contamos também parte de nossas biografias profissionais e pessoais (SUÁREZ, 2017). Assim, tomo como referência, para pensar/narrar essas experiências, considerando o paradigma da complexidade (Morin e Najmanovich) e sua ação multidimensional como desafio a pensar outros caminhos. Do mesmo modo, tomo de empréstimo princípios do dispositivo de Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas - DNEP, (Suárez) e da Pesquisa Narrativa (Clandinin e Connely), assim como, os movimentos teórico-metodológicos das pesquisas com os cotidianos, da conversa com metodologia de pesquisa e os estudos feministas, com um olhar especial para a Esperança Feminista (Diniz e Gerbara, 2022) e seus verbos conjugados no plural... os quais convido

para caminhar comigo, dando as mãos a outras ideias e princípios, como versos de um grande poema, um poema vivo, um poemacorpo. Pensar em uma narrativa com nome próprio, adaptada às nossas percepções do que acontece no cotidiano escolar e universitário, do que emerge dessas experiências, contando com voz própria, escrevendo com nossas palavras essas experiências para dar-lhes sentido, ressignificar, reescrever.

Faço um recorte temporal, entre 2019 e 2023, espaço no qual venho construindo minha investigação e, em 2023, ano no qual esse artigo está sendo (re)escrito, um começo no meio do caminho, das histórias vividas, revivendo essas histórias e suas complexidades, estar no entremeio dessas experiências de vida, minhas e de outras pessoas que compartilham esse espaço tridimensional (CLANDININ, CONNELLY, 2015). É nesse tempo recortado que acontece a minha pesquisa, os primeiros assombros, os estranhamentos, a descoberta de conceitos e princípios que aos poucos foram me constituindo. Entro no campo de pesquisa vivendo minha história. As paisagens mudam. Eu me transformo. Num contínuo de espaçotempo vou me tornando uma pesquisadora narrativa.

Primeiros apontamentos ou o começo no meio do caminho



Estou me descobrindo mulher, poeta, feminista, investigadora... tantas formas de me nomear e de me reconhecer nesse gesto. Viver a experiência de ler a mim mesma, de me narrar usando como metáfora uma árvore que brota do solo e se espalha com seus galhos e folhas. Um estar sendo contínuo, uma constelação, que só o é, porque outros também o são. Uma conversa entretecendo histórias de vida, como possibilidade de formação e (re)invenção de nós, através dos registros, das leituras, das performatividades. Assim, espicho essa trama contando da minha formação acadêmica, entremeada com a vida e seus caminhos até chegar ao doutorado e a escrita da tese, que me proporcionaram vivenciar essa experiência narrativa.

Aos 25 anos, casada, com um filho pequeno enfrentava as adversidades de estudar a noite dividindo espaço com a maternidade e os cuidados com o lar. O ano era 1988 e no Brasil

respirávamos democracia após longos anos de ditadura, que teve seu fim em 1985. Também, nesse ano, foi promulgado a Constituição Federal do Brasil, que entre tantas garantias cidadãos, trazia de volta as eleições diretas para presidência do país. Neste ano, o curso de Pedagogia passa por transformações para suprir a demanda de professoras/es por habilitação em cursos de nível superior, inexistentes no curso de magistério, nas Séries Iniciais do 1º Grau e na Pré-Escola. Outro fato importante para a educação foi a organização curricular mais direcionada às teorias e práticas educativas que contemplassem disciplinas voltadas para a formação específica de cada área. Em meio a essas mudanças sou aprovada no vestibular e começo meus estudos em disciplinas voltadas para o trabalho com crianças entre 5 e 6 anos de idade, no curso Pedagogia Pré-Escola, na Fundação Universidade do Rio Grande. Mais tarde, em 2008, perdeu a palavra Fundação e passou a se chamar Universidade Federal do Rio Grande, mas manteve a sigla histórica FURG. Ao final desses dois anos, a vida dá uma guinada e eu preciso trancar o curso e partir para a capital, acompanhando meu esposo, que não encontrava mais oportunidades de trabalho no interior. Porém, o tempo segue seu rumo e eu me sentia sempre inacabada, desistir dos estudos não estava nos meus planos. Novamente, o acaso abre caminhos para nosso retorno a Rio Grande e em 1997, passamos a morar na casa de infância do meu marido. Abrimos nossa própria microempresa e trabalhávamos muito. No entanto, esse muito que ocupava os meus dias, não foram capazes de espantar as nuvens carregadas que sobrevoavam meus pensamentos e me faziam pensar: *o que eu tô fazendo com a minha vida?* Assim, retomando as rédeas do meu caminhar e na virada do século, presto novamente vestibular para Pedagogia, sendo aprovada e recomeçando meus estudos no ano que inicia o novo milênio. Os anos 2000 começavam com as belezas e encantamentos de estar novamente na academia. Em 2003, um ano após a formatura, fui aprovada em um concurso público para Servidores de Escola do Estado, exercendo o cargo de Agente Educacional - Interação com o Educando ou como era e ainda é chamado, Monitora. E, em 2013, ano em que elegemos a primeira mulher reitora da Universidade, a professora Cleuza Maria Sobral Dias, passei a integrar o quadro de servidoras/es da FURG, após concurso para Pedagogia.

Essa narrativa, resgatada da memória, tenta ordenar a minha caminhada como educadora em constante transformação e como cheguei nesse espaço-tempo da pesquisa. O ingresso como monitora de escola pública foi a minha primeira experiência como

trabalhadora em educação não docente. Reproduzo a seguir, parte de um relato de 2021 sobre minha primeira experiência como trabalhadora em educação não docente:

Quinta-feira, 18 de dezembro de 2003, me encontro diante do portão de entrada da escola de ensino fundamental e médio José Mariano De Freitas Beck - Ciep. Bati palmas em frente ao portão, esperei alguns minutos que pareceram uma eternidade. Finalmente, o portão é aberto e eu posso adentrar os muros da escola. - *Tu és a monitora?* me pergunta outra servidora da escola e num gesto carinhoso me convida a entrar. Fui invadida por um misto de tristeza e alegria. Como dois opostos podem ocupar o mesmo espaço dentro de nós? A escola parecia um lugar abandonado, janelas quebradas, portão com cadeado - seria para impedir a entrada ou a saída? de quem? - me pego pensando, hoje, proporcionado por essa escrita. Estava feliz, afinal, iria exercer a profissão para o qual estudara. Escutei uma cantoria de Natal, o que me deixou um pouco mais animada, dando àquele lugar que se despedia da algazarra escolar um pouco de esperança. Os meses seguintes foram solitários, eu caminhava entre “os escombros” pelos corredores vazios, tentando encontrar ali um sentido para minha nova caminhada. Em março, a agitação nos corredores, o burburinho das crianças, as conversas e abraços de reencontro preencheram aquele vazio dos meses de férias. Durou pouco aquela minha alegria e logo nos primeiros recreios fui atingida por muitas dúvidas e perguntas sobre o meu fazer pedagógico. A universidade não nos prepara para enfrentar essas adversidades. Gritarias, empurrões, chutes, brigas, ameaças verbais e físicas faziam do recreio uma zona de guerra. Seria assim o tempo todo? Sempre foi assim ou as crianças estavam disputando espaços de poder? Se materializava, naquele espaço que parecia pequeno demais, e a cada novo recreio ficar menor e mais sufocante, tudo o que me contaram como verdade sobre aquela comunidade. A minha atividade principal era coordenar a movimentação de alunas/os na escola, na entrada e saída, durante as aulas e intervalos, no recreio e na merenda, desenvolver junto ao educando hábitos de higiene, de boas maneiras, de educação informal, de saúde e orientar no sentido de despertar o senso de responsabilidade, dentre outras. Como fazer isso em meio a todo aquele tumulto? Como a brincadeira, o ato de brincar, poderia fazer parte da rotina das crianças? O que fazer com todas as teorias aprendidas na academia? Como se dá a tal “práxis educativa”? De repente, tudo o que estudei parecia não fazer sentido. Como não agir com a violência dos opressores? Esse era meu maior medo. A dificuldade era minha, estava tentando traduzir essa experiência, essa vivência outra, a partir da minha cultura, do

meu lugar privilegiado, da minha zona de conforto. Passado o impacto inicial, comecei a pensar métodos, técnicas, estratégias para fazer da hora do recreio um espaço de trocas afetivas, de saberes, de experiências, de vivências. Chamei as crianças para uma roda de conversa, para saber delas, do que mais gostavam, que brinquedos/brincadeiras as divertiam. Foi um alvoroço pela posse da palavra. Gritos e xingamentos precisaram de uma intervenção firme, e assim, as vozes foram sendo ouvidas, das brincadeiras mais simples às mais elaboradas. Naquela euforia da qual eu também participava, várias brincadeiras surgiram, roda, futebol, cabo de guerra, taco, eram muitas, mas nem todas eram possíveis de se desenvolver no pátio da escola. Lembrei de algumas brincadeiras da minha infância e contei para as crianças, dentre elas, adoraram a ideia do pé de lata e quiseram saber mais: *Como se faz? Como se brinca? Precisa comprar? A gente não tem dinheiro, sora!* Logo em seguida, pedi que as crianças trouxessem alguns materiais, como latas de chocolate (grandes), ou de leite em pó, para os pés de lata; tampinhas de refrigerante, para os jogos de damas; garrafas pet para os vai e vem. Chamei as professoras e professores para participarem dessa atividade e entre risadas, conversas e lembranças da infância fomos construindo um outro espaço no qual todas e todos se sentiam pertencentes. Com os brinquedos construídos a muitas mãos, era preciso organizar as brincadeiras. Mais uma vez, as crianças discutiam e brigavam pelo domínio dos brinquedos. Foi preciso mediar as discussões que ficavam cada vez mais acirradas, ora dando ideias, ora perguntando como poderíamos resolver aquela situação. Uma das primeiras alunas que falou foi aquela de quem eu menos esperava a participação. *Podemos fazer uma fila e cada um brinca uma vez e depois vai brincar com outro brinquedo. A gente faz uma estradinha e caminhamos com os pés de lata por ali e depois entregamos para o próximo da fila e se alguém não fizer direito, já sabe...* Assim, passamos o primeiro recreio pensando nas regras do uso dos brinquedos. Os dias seguintes foram de muitas risadas e trocas e conversas e compartilhamentos.

Não se trata apenas de um relato, mas de um processo formativo e reflexivo, um diálogo-experiência que se constitui no ato de narrar as experiências pedagógicas, um processo reflexivo e dialógico com nossos cotidianos e que passam, de acordo com Suárez (2019), a ser significadas na reflexão sobre a prática pedagógica, desde uma perspectiva de uma política de sentido, de conhecimentos embebidos do ético, do estético, do político, do

social e do poético como tramas de um tecido indissociável. Escrever para pensar modos outros de conversar, de viver, de experienciar o cotidiano.

Mas, é imprescindível que se pense com. Pensar com o outro, pensar em conversas, pensar em comunhão é pensar para a liberdade, para uma educação como prática da liberdade, como nos apontam bell hooks (2017) e Paulo Freire (2020). Este pensar com, leva-me à próxima narrativa que quero compartilhar:

O que salvou o ano de 2019, foi o convite para participar de um Programa de Doutorado. Como assim, Doutorado? Em que? Hum, isso é sério? Doutorado na Argentina! Sim, de repente meus olhos se iluminam diante da perspectiva de realizar um sonho. Foi numa tarde ensolarada, meados de outubro, eu conversava com uma colega, também Pedagoga da Furg, sobre papéis, emails e outras atividades administrativas, ela me olha direto dentro da íris, com seu sorriso largo e lindo e me convida para fazer parte de um grupo de estudos que pretende pesquisar investigação narrativa, autobiográfica e biográfica em educação. O convite para o doutorado veio como uma rajada de vento e de repente, lá estava novamente o vento sul varrendo pradarias, sacudindo as roupas no varal, espalhando as folhas pelas ruas, fazendo bater janelas e portas. Ali, naquele momento, meu corpo todo se desacomoda, sinto os formigamentos do desconhecido, as mãos suam e mais do que depressa, eu falo: eu topo! Na quarta-feira seguinte, começo a participar das conversas e trocas de saberes, conhecimentos e experiências do grupo de estudos Tramas Narrativas em Educação, coordenado pela professora Aline Dornelles, minha orientadora. A proposta de uma escrita sobre ‘como cheguei até aqui’, como requisito para pleitear uma vaga no programa e reforçada pela professora Aline apontava para um caminho ainda desconhecido. Escrever não foi a parte mais difícil, mas controlar o vozerio na minha cabeça, o suor das mãos, a perna que balançava sem parar, diante da possibilidade de legitimar meu fazer pedagógico cientificamente, foi um pouco mais difícil de controlar. Aos poucos as coisas se acomodam e eu consigo ordenar os pensamentos. Era esse o caminho que eu queria seguir. Era isso o que eu buscava. Ser autora da minha própria escrita. E assim, no quase instante final do ano, começo a escrever minha caminhada, cheia de sonhos e de esperanças, de medos e de incertezas, de ansiedade e de sentimentos que se misturavam e se mesclavam constantemente.

Bricolagens da memória renascendo e recriando sentido às experiências vividas. A memória, diz Certeau (2011) “[...] vive de crer nos possíveis, e de esperá-los, vigilante, à espreita” (p. 151). Novamente me encontro entre linhas e pontos e parênteses e espaços, escrevendo sobre minhas andanças narrativas, lembrando aquele 2019, em que sobreviver foi uma luta diária, em um cenário opressivo, um governo de extrema direita aniquilando com direitos dos trabalhadores garantidos pelas lutas sindicais e que se seguiu de uma pandemia devastadora para o Brasil, ceifando a vida de mais de 700 mil pessoas, se o governo federal (2019-2022) tivesse adotado outra postura, apoiando o uso de máscaras, medidas de distanciamento social, campanhas de orientação e ao mesmo tempo acelerando a aquisição de vacinas, de acordo com notícia da Agência Senado (2021) .

Narrar nossas experiências profissionais e investigativas é uma forma de compreender nossos lugares, temporalidades, compromisso social e educativo. O convite para o Doutorado é legitimado nesse espaçotempo de construção de conhecimentos. Assim, os relatos compartilhados nesse texto, apesar de estarem sendo escritos individualmente, é um texto grávido (Galeano, 2002) de outras pessoas e de suas narrativas. É fruto de muitos encontros e conversas e resistências nos espaços cotidianos escolar e universitário.

O cotidiano é esse lugar complexo, misterioso, intrigante, fascinante e, poderia continuar uma lista infindável de adjetivos para nomeá-lo. Por ora, esses bastam, os outros estão aí, nas dobras, nas esquinas, escondidos, espiando, e em algum momento se apresentam para nós, levando-nos de volta às escolas por onde estudamos, trabalhamos e que nos possibilitam esse estarsendo educadoras/es.

Transitar nesse universo cotidiano da Universidade e anteriormente, nas escolas de educação básica me proporcionaram um encontro não só comigo e minhas percepções de mundo, mas, também, novos caminhos e possibilidades de estar com outros sujeitos encarnados que lutam, que se organizam em grupos sociais, que desejam um mundo melhor, que percebem no cotidiano um terreno fértil para pensar educação.

Metodologia - uma metamorfose ambulante

Como dar forma a natureza dos textos de campo? Quais dispositivos usar? Como e por onde caminhamos? Como nos movimentamos nas diferentes paisagens do campo de

pesquisa? Quem somos e qual nossa intenção ao adentrar o campo de pesquisa? Como saímos de lá?

Assumo um compromisso metodológico, uma responsabilidade metodológica, ou seja, sem estar presa a padrões previamente estipulados, moldados, principalmente naqueles forjados no positivismo. Aposto em um rigor flexível ou numa metamorfose ambulante como metáfora para caminhar entre as paisagens que vão se formando no percurso. Investigar nessa perspectiva é estar ciente de que estamos trabalhando no espaço tridimensional da Pesquisa Narrativa, cunhado por Clandinin e Connelly (2015).

Este compromisso metodológico é bastante desafiador, uma vez que não se atém a regras pré-estabelecidas rigorosas. É um compromisso que objetiva aprofundar nossa compreensão da realidade, num movimento contínuo que privilegia as interações entre sujeitos, respeitando os processos individuais e coletivos, o tempo e o lugar, que compõem o espaço tridimensional.

Num paradigma da complexidade, retomo a noção de deriva, reforçando a ideia de uma escolha não arbitrária, ou seja, de estabelecer critérios flexíveis, nos quais as interações cotidianas, a tomada de posição, o ordinário, os silenciamentos, as errâncias, os limites e possibilidades, as subjetividades são fontes relevantes para a pesquisa. É mais um *memento*, termo que tomo emprestado de Morin, no sentido de que estamos investigando relações que emergem das/nas relações sociais no cotidiano e que compõem uma trama constituída dos riscos que assumimos enquanto pesquisadoras/es narrativas/os:

A complexidade não tem metodologia, mas pode ter seu método. O que chamamos de método é um *memento*, um 'lembrete'. (...). O método da complexidade pede para pensarmos nos conceitos, sem nunca dá-los por concluídos, para quebrarmos as esferas fechadas, para restabelecermos as articulações entre o que foi separado, para tentarmos compreender a multidimensionalidade, para pensarmos na singularidade com a localidade, com a temporalidade, para nunca esquecermos as totalidades integradoras ().

Não temos uma receita pronta, uma verdade absoluta, um único caminho a seguir, mas, um sistema complexo que nos desafia a pensar, uma motivação para explorar outros caminhos, outras perspectivas teórico-metodológicas.

Explorar a própria experiência, numa escrita de si, uma escrita autobiográfica que busca dar sentido ao vivido e experienciado em narrativas poéticas, documentais, memorialísticas, entre tantos outros dispositivos que nos convidam a escutar histórias que

narram experiências escolares, sindicais, universitárias, laborais daquelas e daqueles que compartilham seus saberes e conhecimentos pedagógicos.

Busco na memória os acontecimentos que me trouxeram até minha pesquisa, e o Jardim de Infância é sempre uma das primeiras lembranças, assim como as primeiras leituras sentada ao lado do meu pai no sofá da sala, lendo revista em quadrinhos, mesmo sem conhecer o som daquelas palavras escritas em balões e o colorido das ilustrações e ao mesmo tempo, chegam também, os poemas da adolescência, a graduação em Pedagogia - Educação Infantil, os concursos públicos que me trouxeram para outras paisagens, entre a escola e a universidade, cada uma delas com suas peculiaridades e as marcas que mobilizam e nos convidam à partilha. Contar essas histórias que experienciei, daquilo que me passou, que me atravessou nesses anos trabalhando como educadora não docente, relatando a própria vida escolar e a minha carreira profissional como forma de dar sentido ao próprio vivido.

Conversas de dentro. Conversas de fora.

Tenho na escrita um potencial para denúncias, protestos, desabafos, afirmações, desejo, amor, dor, ordem, desordem, caos e outros sentires que me acompanham e me constituem. Gosto de dizer que nem tudo o que escrevo é sobre mim, mas tudo o que escrevo habita em mim, me constitui, é imagem em forma de palavras que observam, que contam, que escutam os silêncios e depois se derramam sobre o papel.

Nesse sentido, a minha escrita, os poemas, os contos, as crônicas, as anotações nas margens de livros e artigos e outras formas narrativas é uma ferramenta suleadora, estabelecendo pontos em comum com a pesquisa narrativa (auto)biográfica, pois na minha escrita o contexto sócio-político-cultural está sempre presente, seja ele temporal, espacial, geográfico... compreendendo desde uma perspectiva narrativa as circunstâncias e as possibilidades outras de interpretação, de (re)construção, de (re)significações como uma construção que se faz na caminhada, na experiência do caminhar, assim como em um conto ou poema em no qual vou sendo surpreendida pelos acontecimentos que se modificam a cada nova linha.

Eu cresço nesse entremeio que se trama no cotidiano. Alguma coisa no ar pipoca, lá fora, aqui dentro, e o lá fora e o aqui dentro se complementam, se polinizam um do outro, numa possibilidade criativa, na qual assumo a autoria da minha escrita, da minha

investigação, do meu fazer científico, dos meus atos políticos, do pedagógico-educativo do meu cotidiano laboral e, principalmente, assumo a autoria da minha vida.



Conversas de dentro e conversas de fora é também a poesia que me acompanha e por vezes chega em meio às leituras teórico-metodológicas, como possibilidade de versentir o mundo, de fazer pesquisa, de investir menos nas explicações e mais no sentimento poético de viver os espaçostempos educativos-pedagógicos, de estarsendo mulher e assumindo

meu lugar no mercado de trabalho, tardiamente, assim como outras mulheres que contornaram/romperam com o imposto pelo plano capitalista que define o tempo e o lugar das mulheres.

Vestir-me de poesia como metáfora estabelece um diálogo com a ideia de Eros na sala de aula de bell hooks e do verbo imaginar que em comunhão com outros verbos formam um arcabouço de estudos em Esperança Feminista de Débora Diniz e Ivone Gebara (2022).

Para bell hooks a paixão tem sim um lugar na sala de aula, que precisamos estar inteiras, corpo, mente e desejo, que rompe com o binarismo corpo/alma que aposta na cisão entre mente e corpo. Precisamos compreender a força motivadora de Eros para além da concepção sexual atribuída a ele. A ideia de Eros na pesquisa, nas narrativas que compartilhamos, reforça as teorias epistêmico-metodológicas que apostam na subjetividade do sujeito, do sujeito da experiência, do cotidiano, sujeitos coletivos abertos ao encontro, à conversa, ao acontecimento.

Imaginar é sonhar acordada, é dizer aquilo que transborda, é transgredir. Imaginar novos possíveis como forma de encontro. Imaginar para pensar diferente do assim das coisas instituído pelo senso comum e suas normas cisheteropatriarcais. Imaginar para desaprender o racismo, o capacitismo, o sexismo, a homofobia, a lesbofobia e outras desigualdades sistematizadas na sociedade, na academia, na religiosidade, na política.

Imaginar o encontro, a conversa, o acontecimento não é o mesmo que se preparar para eles. Essas três palavras têm uma sílaba em comum (con) que só acontece com o outro. E, ademais, o encontro, a conversa, o acontecimento precisam ser vividos, experienciados, precisam nos tocar, nos atravessar, nos transformar e a imaginação, o erótico, o poético nos convidam para essa experiência afetiva.

Entre as conversas de dentro e as conversas de fora, a narrativa cumpre seu papel. Não como uma ordem instituída, mas como possibilidade teórico-metodológica. A palavra nasce. E nasce de muitas formas, dolorosa e silenciosa, outras vezes, fazendo algazarra, outras chegam tão assustadas que mal conseguem falar, mas, há aquelas que sabem que estão ali, sabem de onde vem, que insistem em continuar, que ousam desafiar os limites impostos, que dão outros sentidos para o “assim das coisas”, que não se deixam silenciar. Palavras-corpo, palavras-poesia, palavras-conversa, palavras-educação... palavras-mundo e toda a boniteza que elas carregam.

Uma narradora “brotada de pessoinhas” nunca está só

Minha narrativa é um convite a pensar junto, em termos de sentido, do que a experiência e as conversas são capazes de nos polinizar, de nos transformar. Para fazer sentido, precisamos de um pensamento inventivo, que se arrisca, que rompe com a lógica capitalista, eurocêntrica, colonialista, patriarcal, com o determinismo, com o que foi dado como verdade absoluta, com o assim das coisas que influenciam e conduzem as pesquisas em educação.

O eu que se narra e narra é personagem e protagonista dessa vivência narrativa. Recria suas experiências profissionais e investigativas, assumindo um compromisso sócio-político-educacional ao revisitar a própria narrativa.

Desse modo, eu assumo o compromisso com esses modos outros de pensar e fazer investigação narrativa. É um compromisso epistêmico-metodológico legitimado por princípios éticos, estéticos, políticos e poéticos, que se insere na complexidade constitutiva dos cotidianos. Uma metodologia em movimento, que é “um convite para forçar o pensamento a pensar; a fazer(se) perguntas, sem a preocupação de respondê-las” (2018, p. 25), apostando na multiplicidade, nas diferenças, nas singularidades, de produção de conhecimentos.

Nesse movimento de me narrar, fui construindo, desconstruindo, reconstruindo, ressignificando minha própria narrativa, dando sentido às minhas vivências e experiências. Aventurar-me contar a minha experiência contribui para desinvisibilizar os lugares da não docência, mas, ainda assim, de saberesfazeres educativos.

Referências Bibliográficas:

- Agência Senado. (2021). Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/24/pesquisas-apontam-que-400-mil-mortes-poderiam-ser-evitadas-governistas-questionam>
- Certeau, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 2011.
- Clandinin, D.J. Connelly, F. M. (2015). Pesquisa Narrativa – Experiência e História em Pesquisa Qualitativa. Uberlândia: EDUFU.
- Diniz, Débora. Gebara, Ivone. (2022). Esperança feminista. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Ferraço, Carlos Eduardo. (2018). Pesquisa com o cotidiano. Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 98, p. 73-95, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302007000100005>.
- Freire, Paulo. (2020). Educação como prática da liberdade. 46 ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Galeano, Eduardo. (2002). O livro dos abraços. Tradução de Eric Nepomuceno. - 9. ed. Porto Alegre: L&PM.
- Hooks, Bell. (2017). Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Larrosa, Jorge. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação, n. 19.
- Mattos, Graciele Fernandes Ferreira. (2019). Inventoras de trilhas de ensinoaprendizagem. In: GONÇALVES, Rafael Marques; RODRIGUES Allan; Ribeiro, Rafael (orgs). Cotidianos e formação docente: conversas, currículos e experiências com a escola. Rio de Janeiro, Ayvu.
- Morin, Edgar. (2005). Ciência com consciência. Trad.: Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Sampaio, Carmen Sanches. Ribeiro, Tiago. Souza, Rafael de. (2018). Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: Ribeiro, Tiago; Souza, Rafael de; Sampaio, Carmen Sanches (org.). Conversa como metodologia de pesquisa: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu.
- Skliar, Carlos. Elogio à conversa: (em forma de convite à leitura). (2018). In: Ribeiro, Tiago; Souza, Rafael de; Sampaio, Carmen Sanches (org.). Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?. Rio de Janeiro: Ayvu.
- Suárez, D. H. 2019. Leer relatos de docentes. In: Oliveira, A. D. de. (Coord.). Narrar e documentar: experiências de professores no ensino médio em território rural, (pp. 13-22). Curitiba: CRV.